

tecnologia

Desafios e perspectivas da tecnologia moralizada



Renata Gazzinelli*

Se a educação, sozinha, não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encará-la, diminuindo, assim, a distância entre o que dizemos e o que fazemos (Paulo Freire).

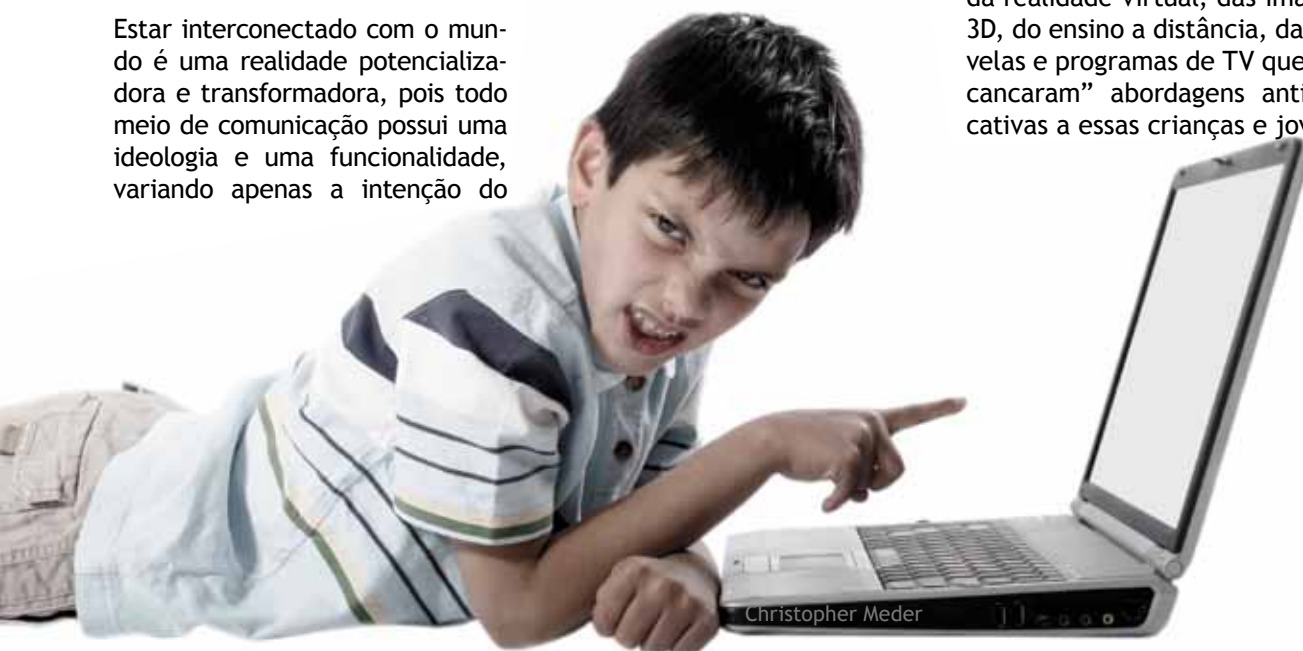
São muitos os apelos em que vivemos submersos. Penso, entretanto, que o apelo deveria ser assumido, acompanhado por uma atitude responsável, lúcida e coerente, consoante os valores e princípios de cada família, de cada escola, de cada ser humano.

Os avanços tecnológicos, inevitavelmente, repercutem em todas as instâncias da sociedade. Também são inquestionáveis que esses avanços, e as variadas ferramentas de comunicação, estimulam novas formas de pensamento, novos recursos cognitivos, novas concepções e posturas diante do comportamento e do sentimento humano.

Estar interconectado com o mundo é uma realidade potencializadora e transformadora, pois todo meio de comunicação possui uma ideologia e uma funcionalidade, variando apenas a intenção do

uso. No caso da TV e da internet, por exemplo, a cultura atual é a de se viver com o controle remoto e o mouse na mão. Porém, devemos refletir: será apenas essa cultura a que desejamos e consideramos significativa para a formação moral dos nossos alunos e filhos? Será que, se não agregarmos algum valor a ela, não corremos o risco de perder nossa humanidade?

Mais do que nunca, a escola ocupa um papel de destaque e relevância na formação integral do ser. Em contrapartida, as novas formas de relação social e os novos hábitos culturais exigem pedagogias que se integrem às estratégias cognitivas e emocionais de crianças e adolescentes gerados na era da tecnologia, da mídia digital, das redes sociais, da realidade virtual, das imagens 3D, do ensino a distância, das novelas e programas de TV que “escancaram” abordagens antieducativas a essas crianças e jovens.



Christopher Meder



Por tudo isso, alinhamos nossas considerações às daqueles educadores que buscam uma integração e um equilíbrio entre as diferentes faces da moeda: liberar nossos jovens para usufruírem das ferramentas, de acordo com seus desejos e interesses, ou adotar posturas mais consistentes com relação ao seu uso indiscriminado?

Somos da opinião de que repensar o currículo e a prioridade da escola, hoje, a partir da verdadeira revolução que todos esses meios de comunicação vêm causando em nossa sociedade, talvez seja o maior desafio das próprias instituições de ensino, bem como das famílias, ao escolherem a escola para seus filhos estudarem.

Os meios de comunicação, especialmente a web, manejam símbolos com perfeição, mas a aprendizagem (intelectual, emocional e moral) consiste em outorgar significados. E qual significado tem sido oferecido a esta meninada? Temos acessado, com frequência, nosso site interior ou priorizamos navegar pelo *www.com.br*? E as salas de bate-papo, existem apenas no virtual ou já construímos um ambiente aconchegante em nossos lares, e em nossas salas de aula, para que o bate-papo

educativo, amoroso e amigável aconteça? E os programas de TV e novelas, têm sido motivo para calorosas discussões entre pais, filhos e educadores? Como andam nossas certezas que, até ontem, eram imutáveis?

A dinâmica do comportamento humano, ditada pelo ritmo frenético das mudanças tecnocientíficas, foi atropelada e permanece em estado grave, num leito de um hospital qualquer, à espera de transplante do seu principal órgão: a consciência moral. Além do mais, estamos afogados num oceano de inovações, informações e mudanças, e não está adiantando mais ter colete salva-vidas, ou boia, para garantir a sobrevivência. Como diz Rubem Alves, com a internet, aprendemos a ler aos saltos, feito pulgas.

As novas tecnologias, os novos mercados, as novas mídias, os novos consumidores desta era da informação e do conhecimento conseguiram transformar o mundo em uma grande sociedade, globalizada e globalizante, mas o ser humano, diante dessa nova realidade, continua com a mesma carência: ser um sujeito íntegro na sua individualidade, na sua personalidade, nas suas aspirações,

na defesa de seus direitos, na busca da sua felicidade e de suas realizações. E, ao mesmo tempo, no comando desta mudança, o mesmo ser humano, o único ser dotado de vontade, inteligência, competência e conhecimento, capaz de compreender os desafios e definir os passos que direcionarão seu próprio futuro.

Concluindo, precisamos urgentemente construir um novo “fazer educativo”, não só nas salas de aula, mas, sobretudo, junto às famílias dos nossos alunos. Porque moral não se dita. Moral se vive. O modelo social vigente se esgotou, isso sabemos de cor. Mas como educar e ser educado em uma era de tantas inversões de valores, num momento em que o mundo vive sua crise de maturidade? Creio eu que somente vivendo na transparência, e não na aparência das relações, dos sentimentos, dos valores e dos princípios do bem. ■

*Pedagoga, pós-graduada em Educação Ambiental e Sustentabilidade, MBA em Gestão de Instituições Educacionais e coordenadora de Relacionamento da Rede Pitágoras

renatag@pitagoras.com.br